

Sonho ou Realidade ?

Olho e vejo... tudo é gala
Tudo canta e tudo falla,
Só minh'alma
Não se acalma
Muda e triste não se ri
Minha mente já delira
E meu peito só suspira
Por ti ! Por ti !

(Casimiro de Abreu.)

E' noite !

O ceu puro e limpo deixa ostentar-se fageira e magestosa a rainha da noite !

A brisa suspirando mansamente, transporta-nos das floridas campinas cath. rinenses, o doce aroma das flores.

O oceano exausto de seu affanoso lutar, jaz placido e tranquillo, e retracta no espelho de suas aguas adormecidas, a imagem dessa deusa que percorre o espaço, vagarosa espalhando sobre sua luz melancolica-

Todo é silencio !

Profunda mudez enche a terra, adormecida sob as azas da noite.

Tudo dorme ! so eu vélo pensativo, mergulhado em triste abatimento.

O cerebro arde-me qual um volcão, em chamas :

Zizina, essa fada de meus encantos, é o unico pensamento que preocupa minha imaginação, e é ella a unica causa dessas attribuições . . .

Eu scismo e profundamente !

Uma novem de negras precentimentos; cobre-me o coração e estou triste !

Triste como a rola afflita, suspirando pelo esposo transviado na floresta, ou morto ao chumbo do caçador . . .

Triste como o arquejar das vagas, nas horas mortas da noite.

Um profundo abatimento verga-me a cruéis anguntias e a podera-se de mim !

II.

Momentos ha na vida humana em que o homem entrega-se a seus pensamentos e sente o coração comprimir-se por uma força invisivel ; quer suspirar, mas o ar lhe foge como foge de moribundo a lembrança da vida, o murmurio infernal do mundo o aniquilla ; e então elle entrega-se a uma longa apathia e scisma . . . e so nesse scismar encontra elle limitivo a seus sofrimentos.

E assim estou eu esta noite !

Noite de febre que me devora : a natura esse painel divino, para mim tão repleto de verdadeira poesia, em cuja contemplação outr'ora me embrevencia, hoje causa-me um tedio terrivel e parece augmentar ainda mais as minhas agitações !

Ao longe sinto o bronze de uma ermida que soa vagarosamente de ze badaladas em seus lugubres e monotonos sons. . . são horas de descansar das fadigas do dia : e eu preciso do repouso.

Esvoaca-me a mente por regiões desconhecidas sob as azas d'um sonhar febril.

Que multidão é essa que ali reserva louca o frenetica, que luzes são estas tão brillhantes, que seus arrebatadores são estes que echoão nos corações destes homens destas mulhêres enlevadas todos enlaçados e embevecidos nos gozos da ventura, quem são elles ? habitantes d'um *paraiso*, antes divinos, será este o seu constante viver . . . Fallas de amor, sorrisos de ternura olhares apaixonados crusão-se neste recinto ! oh ! é um baile, um salão de dança . . . lá . . . lá vai um, mais outro . . . são cavalheiros que passam que dançam . . . o festim está animado, a turba é louca e desenfreada é encaçavel ! . . .

Lá vai outra . . . é uma virgem palida como Phriné, lá passa, ligeira qual silpho voando, é qual vela enfonada pela aragem da ventura que se desliza n'um mar de prazeres . . . lá, ali vai no torvelhinho presa a elegante cavalleiro, de luros cabellos, e olhos languidos . . .

Um salão, um baile ! . . . meu Deus eu sonho ou vélo ?

A turba é louca ! o praser eletrisa a todos, e eu acho-me a um canto contemplando esse quadro da loucura humana . . . meus olhos dardejão, minha vista estende-se pelo espaço desse salão . . . mas o que vejo ? será possível ! oh ! . . . é ella, sim é ella . . . oh ! quão louco sou ! se ella soubesse quanto detesto a a es'as festas mundanas, e todos esse espleidores bailhntes dos grandes salões, onde quasi sempre esconde-se o vicio, a corrupção sob as falsas apparencias de praseres fementidos.

E' nestes innocentes passatempos, cheio de pureza que mui as vezes vemos no torvelhinho da walsa, agrinalda da virgem rojar-se pelo pó da sala !

E' nestes passatempos cheio de innocencia e nestas gallas brillhantes que occulta-se a hydra da corrupção que prende em suas garras a innocencia incauta, tal como sob formosas flores a vibora venenosa . . .

M. s. tendes rasão.

A mocidade é ardente, e suas leucuras são gços.

III

Ella folga como uma louquinha esquecida de tudo, se is sentidos outra sensação não tem, nenhum pensa mento a preocupa, a luz destes prazeres q' a cercão, destes rizoza e olhares do cavalheiro louro !

Os dansantes fasem *en avant*. Como expando seu rosto radiante de ventura, entre abrindo-lhe em risos os labios nacarados. Que de olhares tão ternos, tão meigos...

Mas essa expansão de venturas, e-sses risos de amor, esses olhares da paixão eu vejo que alias recolhe o cavalheiro louro.

Oh! Zizina, acaso te esqueceste do amor que ja me deste? ou quem sabe... era uma mentira esse amor!

Zizina, o amor é um sentimento cheio de fogo, de vida, quando elle é verdadeiro e puro, quando se pode dizer: é amor; é uma mentira vil, é uma loucura funesta, quando só servem para entreter-se nos bailes e para fazer triumphar caprichos!

Alem a vejo segredando com esse cavalheiro de olhos pardos, e volueis como seus pensamentos e de cabellos louros; na expre são de seu rosto, nos gosos affectados vejo qua falla de amor... talvez prometendo constancia e fedelidade... loucura... Depois passaste por mim... não me viste, cega pelo novo amor. Teu vestido de carmesim salpicado, realçavão-te os encantos das formas elegantes... estava sedutora, minha virgem, eras digna de um throno.

Passaste por mim que ardia em zelos, e não me viste; na mão levavas um bello cravo branco que tive vontade de roubar-te porem temi despertar-te do teu enlevo.

Tu brinçavas qual uma louquinha deseuída-sa, e sem temores; embriagão-te essas mentiras das salas, e em os ouvidos attentos escutavás as fallas de um coração frio, as phrases estudadas de um dandy de salão, que protesta *terno* amor a todas que no pular da walsa deixa a furto ver seu pé delicado, deixa ligar sua cintura de anel; estavas com o coração palpitando de amor ouviste o falso canto da gentil sereia, que engana e seduz com fingidos sorrisos!...

E eu via tudo *calado*, sosinho, sem comparar dos gosos q' me pertencião, sem poder ao menos dizer-te ao ouvido: é falso, não creas Zizina!

Folga e brinca, donzella, a mocidade é louca,

tens fogo, tens vida, és miçca, és bella, o sangue ferve-te nas veias e passa ligeira como passa o êcho da chorosa lyra!

Tens razão! folga e brinca, Zizina, a vida è vaso onde depositaõ-se flores... és bella, e nunca faltaõ nos salões quem deixa de queimar incenso. Mas todos os enganos da sociedade e eu d' testo tudo, esses embustes, de tudo q' nad è nito do imo do coração!

Tens rasão, e por isso repito como o poeta das Primaveraes:

«Tens rasão, mais valem risos

Fingidos, de-sses Narcisos

— Bonecos que a moda enfeita

Do qu' a voz sincera e rude

De quem presando a virtude

Os atavios regeita.»

— Sim, mais valem esses risos contrafeitos, nos labios desses janotas dos bailes q' a expressão franca e rude do trovador; esta não è enfeitada com a lisonja, não è estudada no *toilet* do janota q' se prepara a fazer a cô-te ao sefe. ninino e profanar a sua acostumada frase: eu te amo! è essa a phrase estudada e que elle repete a to las... no entanto são esses cujos corações são frios como o gelo, e cuja alma não è nheco á sublimidade do amor, são felizes... sim, felizes, mas essa felicidade vã que ao menor capricho desaparece

Deixa-la folgar e brincar... mas...

— O cravo q' a pouco vi que è feito dello? tão cedo suas petalas marchas e rojadas pelo chaõ? .. mas eis que delle ainda resta o pistillo... talvez, quem sabe se mais ao longe da sal-la não brincarão esses jogos innocentes dos bailes, arrancando uma por uma as petalas, ou talvez uma a p o s t a de algum pensamento? e quem sabe?

Depois a multidao foi-se pouco a pouco retirando, e eu vi-te que com bastante pesar tambem preparavas-te a deixar esse salão ou *paraiso* vent'roso: Acompanhei tens passos, e ainda a porta do *toilet* voltei apertar com effusão de venturas des e cavalheiro louro e com terna voz fallei-te de amor... doces fallas, tambem ja cuvi...

IV.

Perdoa-me Zizina, quanto disse... A luz do *Phebo* penetra no meu quarto por uma fresta da janella... eu acho-me no meu luto... oh! eu duvido de mim mesmo, nao sei se foi sonho... mas muitas vezes os sonhos da noite, sao realizados no dia seguinte.

E quem sabe foi, Zizina, foi sonho, ou realidade.

Catharino Galeno.

Desterro 30 de Junho de 62.